

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica /PARFOR

LUCICLEIDE OLIVEIRA MENDES

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

GUARABIRA – PB
2015

LUCICLEIDE OLIVEIRA MENDES

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de pedagogia PARFOR, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira - PB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientador: Prof. Ms. Azemar Santos Soares Júnior.

M672i Mendes, Lucicleide Oliveira

Importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança / Lucicleide Oliveira Mendes. – Guarabira: UEPB, 2015.

35 p.

Monografia (Graduação em Pedagogia-PARFOR) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Me. Azemar dos Santos Soares Júnior”.

1. Educação Infantil. 2. Literatura Infantil. 3. Desenvolvimento Infantil. I.Título.

22.ed. CDD 370

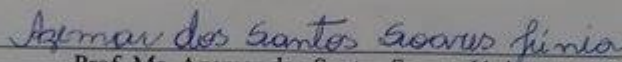
LUCICLEIDE OLIVEIRA MENDES

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de pedagogia PARFOR, da Universidade Estadual da Paraíba, campus III, Guarabira- PB, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Pedagoga.

Aprovado em 08 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior

(Orientador)



Prof. Ms. José Otávio da Silva

(Examinador)



Prof.ª Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

(Examinador)

GUARABIRA - - PB
2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a **Deus**, pelo merecimento de ter conseguido realizar mais uma etapa profissional da minha vida e que sempre me abençoou, dando-me confiança e determinação para que eu atingisse meus objetivos. À minha família pelo apoio e incentivo recebidos, sem a qual não seria o que sou atualmente.

Agradecimentos

A Deus, por estar viva e ter me confortado nos momentos mais difíceis de minha vida;

Aos meus professores que contribuíram com a minha aprendizagem para que eu pudesse me tornar uma pedagoga, em especial aos meus orientadores *Vanusa Valério dos Santos* e *Azemar dos Santos Soares Júnior*.

Ao meu esposo e aos meus filhos por terem contribuído para que eu pudesse realizar esse sonho profissional;

Aos meus familiares e minha irmã, principalmente por terem me dado muita força;

Aos meus amigos com quem passei ótimos momentos juntos, durante esses anos acadêmicos, e principalmente às minhas amigas Fátima e Cláudia;

EPÍGRAFE

"Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular."

ZILBERMAN.

RESUMO

É preciso definir a leitura como um espaço privilegiado a partir do qual a criança possa refletir o mundo e buscar aquilo que a própria vida lhe nega, seja sob a perspectiva de realidade, seja sob a fantasia. Para que isso ocorra, o hábito da leitura, por si só não basta:

precisamos despertar o prazer pela leitura e formar um leitor para a vida inteira, Nesse intuito este trabalho traz como objetivo principal analisar as contribuições dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança. Para tanto contemplamos uma reflexão sobre Literatura infantil ZILBERMAN, (1985). Numa segundo momento pautamos uma discussão sobre o Desenvolvimento infantil segundo: Piaget, (1966) e (1982), Vygotsky (1998) e Wallon (1989). Num terceiro momento abordamos os contos de fadas e criança, fundamentada em CUNHA, (2006). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 185). A pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, até meios de comunicação orais, sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. Ao final dessa pesquisa foram importantes as opiniões de todos os autores a respeito do tema abordado, mediante leituras que foram enriquecendo cada vez mais a capacidade de compreensão sobre o tema abordado. Pois é o direcionamento que realmente tem significados extremamente valiosos para pesquisa acadêmica. Para tanto, é preciso despertar na criança o gosto de ouvir histórias. Esse prazer pode ser mediado pelo professor, que tem um papel de maior importância neste processo para despertar um mundo onde a criança possa aprender com o seu mundo de fantasias para o mundo da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Literatura Infantil. Desenvolvimento.

ABSTRACT

It must define reading as a privileged place from which the child can reflect the world and seek that which life itself denies him, whether in reality perspective, whether in the fantasy. For this to occur, the habit of reading alone is not enough: we need to awaken the joy of reading and to form a reader for life, that end this work has as

main objective to analyze the contributions of fairy tales to the development of child. To contemplate both a reflection on Children's Literature ZILBERMAN, (1985). In a second step base a discussion of the second child development: Piaget (1966) and (1982), Vygotsky (1998) and Wallon (1989). Thirdly we discuss the fairy tales and children, based on CUNHA (2006). The methodology used was literature that according to Marconi and Lakatos (2010, p. 185). The literature covers the entire bibliography ever published about the study theme until oral media, its purpose is to put the researcher in direct contact with all that has been written, said or filmed about a subject, including a row of debates conferences that they have been transcribed by some form or published or recorded. At the end of this research were important the opinions of all writers on the subject addressed by readings that were enriching increasingly the ability of understanding of the topic discussed. It is the direction that actually has extremely valuable meanings for academic research. Therefore, it is necessary to awaken in children the love to hear stories. That pleasure may be mediated by the teacher, who has a most important role in this process to awaken a world where children can learn from their fantasy world to the world of reality.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Children's literature. Development.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO I	11
1.1 LITERATURA INFANTIL: BREVE PERCURSO	11
1.2 DESENVOLVIMENTO INFANTIL SEGUNDO: PIAGET, VYGOTSKY E WALLON.....	14
CAPÍTULO II	24
2.1. OS CONTOS DE FADAS E AS CRIANÇAS.....	30
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

A presente pesquisa acadêmica aborda o estudo sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento do ensino aprendizagem na formação de pequenos leitores, na educação infantil. É preciso que a literatura tenha um espaço privilegiado a partir do qual a criança possa refletir sobre o mundo, discernindo seu ponto de vista entre o que seria realidade ou fantasia. Para que isso ocorra, precisamos despertar o prazer pela leitura e formar um leitor para a vida inteira.

Mais de que forma os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento da criança na educação infantil? O problema de formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis à prática da leitura, requisito que não se restringe apenas aos recursos materiais disponíveis. Na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela a leitura. Algumas dessas condições são: dispor de uma biblioteca (sala de leitura ou até mesmo um cantinho da leitura na sala); organizar momentos de leitura-livre, onde o próprio professor também poderá fazer uso desse espaço, esperando, com sua postura de leitor, instigar no aluno o despertar do desejo pela leitura. Precisa-se ainda construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva todo o conjunto da unidade de ensino.

O ato de trabalhar os contos de fadas na infância propõe um olhar sobre a criança de forma plena, considerando-se não apenas o seu lado cognitivo, mas também a afetividade e sua importância na construção de um relacionamento de ensino-aprendizagem entre educador e educandos.

No livro *A psicanálise dos contos de fadas*, o autor Bettelheim observou que os contos de fadas são uma forma de literatura. Um tipo de obra de arte integralmente compreensível para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. O autor afirma que o significado mais profundo dos contos de fadas será diferente para cada pessoa, assim como para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida.

O presente estudo realizado tem como objetivo geral analisar as contribuições dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança, buscando assim a capacidade de refletir conscientemente sobre os próprios processos cognitivos.

Como objetivo específico, este trabalho traz à tona as necessidades de se criarem espaços que permitam, tanto ao educador quanto às crianças, a possibilidade de conhecerem e discutirem sobre os contos de fadas, permitindo que a imaginação possa fluir e fazendo com que tanto alunos como professores possam experimentar emoções novas e significativas. Este novo modelo de educação que acolhe o maravilhoso, assim como a fantasia e a criatividade,

faz com que os professores possam dividir seu conhecimento com os alunos através do enfrentamento das incertezas e do desconhecido, tendo tanto a literatura infantil como os contos de fadas como meio de socialização e instrumento que os ajudem a inserir as crianças no mundo.

Partindo dessa argumentação, fui motivada por meio da pesquisa a refletir sobre como é importante no ensino trabalhar-se o aprendizado na sala de aula por meio da literatura infantil. Considerando que conhecer a história e ler ou contá-la seja uma arte que possa ser desenvolvida com dedicação e estudo, com o propósito de contagiar os ouvintes com o próprio envolvimento da história, faz-se fundamental saber escolher bem o que vai ser contado para os pequenos.

Para que tudo isso seja possível, o educador deve ousar de sua criatividade e ter a coragem necessária para que possa inovar e transformar seu ambiente em sala de aula no que deseja. O espaço em que o professor trabalha a construção de seus objetivos precisa transformar-se em um ambiente dinâmico, atraente e capaz de promover de forma mais eficiente e possível a aprendizagem de seus alunos. Contar histórias facilita a compreensão e traz os educandos para perto do professor, e essa é uma das várias maneiras de se motivar e incentivar as crianças a progredirem na escola e na vida pessoal.

Para realização desta pesquisa utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, que compreende pesquisar em livros, dissertações, teses e artigos de revistas especializadas acerca do tema abordado. Como resultado, nesta pesquisa levantou-se o processo da construção dos significados, algo que se faz necessário e ajuda cada vez mais no enriquecimento da capacidade de aprendizagem dos alunos. Saliento ainda o valor do direcionamento desta pesquisa, um dos principais motivos para a realização de uma primorosa pesquisa acadêmica.

O trabalho foi estruturado em 03 (três) capítulos. No primeiro aborda-se a literatura infantil; no segundo apresentam-se os relatos sobre o desenvolvimento infantil segundo Piaget, Vygotsky e Wallon; e no terceiro encontram-se as indagações sobre os contos de fadas e a criança. Ao final, teço minhas considerações finais e cito as referências.

CAPÍTULO I

1.1 Literatura Infantil: Breve Percurso

A literatura infantil europeia começa a delinear-se no início do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os famosos Contos da Mamãe Gansa. Antes não se escrevia diretamente para a criança, visto que não se considerava que existisse a infância: a criança era tratada como um adulto em miniatura, cujo período de imaturidade deviria ser encurtado.

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas, igualmente, os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

Com o desenvolvimento dos estudos em Psicologia e Psicanálise passa-se um gradativo movimento em favor do lado lúdico da literatura, acompanhado de novos conceitos de prazer, ligados aos conceitos burgueses de se consumir mais, afirma Magnani (2001, p. 74). A Literatura infantil constituiu-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. Seu aparecimento teve características próprias, pois decorreu da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da organização da escola.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, distanciando-se da vida dos mais velhos e recebendo uma educação especial que a preparasse para a vida adulta, afirma Zilberman (1985, p. 17).

A partir do século XX, a literatura infantil se consolida e está comprometida com a tarefa de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos. Merece destaque a obra *Contos pátrios* (1904) de Olavo Bilac e Coelho Neto, a narrativa longa *Através do Brasil* (1910) de Olavo Bilac e Manuel Bonfim e *Saudade* (1919) de Tales de Andrade, além dos livros de Monteiro Lobato, entre outros.

Bilac, com uma literatura infantil patriótica e ufanista inspirada em modelos europeus, exalta as maravilhas da terra brasileira com o intuito de estimular o sentimento de patriotismo e inserir no leitor os códigos da cultura tradicional, informando valores que enfatizam a relação de dominação do adulto sobre a criança.

Ainda assim, no início do século XX, há uma reação nacional ao enorme predomínio que vinha de Portugal e da Europa. No Brasil a literatura começou a aparecer no século XX, através dos livros didáticos e em traduções, período em que a escola começa a compreender a necessidade de despertar nas crianças o gosto pela leitura e de lhes facilitar conhecimentos gerais, tudo dentro de uma expressão de arte. Um dos primeiros livros clássicos da nossa

literatura que conseguiu despertar o prazer de ler, especialmente nos meninos, foi a obra *Poesias Infantis* de Olavo Bilac, o qual tratou de assuntos cívicos e do amor e respeito à pátria.

Durante a trajetória em que a literatura vai se firmando no Brasil muitos nomes surgem, porém um dos que se destacam, especialmente na obra de ficção para as crianças, foi o nome do escritor Monteiro Lobato por criar um estilo próprio, acessível e gracioso que faz o encanto de seus livros. Em 1921, Monteiro Lobato publicou seu primeiro livro infantil *Narizinho arrebitado*, ainda com indicação de “livro de leitura”, ou seja, destino escolar. Porém libertou-se dessa função para tornar-se um clássico de literatura infantil. Ele criou o tipo que se familiarizou com as crianças e afinal, com todo o Brasil. Sua obra destaca-se dentre os demais do mesmo gênero, através da criação de seus personagens que conseguiram sair de seus livros para viver na intimidade das crianças. Narizinho, Dona Benta, Emília, o Visconde de Sabugosa, o Rabicó - toda essa “gente” do Sítio do Pica-pau Amarelo transita das páginas dos livros à vida real das crianças através da imaginação de cada uma delas.

Segundo Coutinho (2004, p. 212), Lobato faz seu país maravilhoso e tão real que, nas correspondências que seus pequenos leitores lhe dirigiam, vários deles queriam ir ao sítio, conhecer a Emília ou o Doutor Caramujo. Quando um autor consegue que seus personagens abandonem as páginas de suas obras para viver livremente, sempre recriados na imaginação de cada um, realizou o supremo milagre de criação.

Dessa forma, Monteiro Lobato conseguiu ser o escritor infantil mais lido e com maior predileção dentre as crianças, porque soube contar com vivacidade, colorido e simplicidade as aventuras de seus personagens, não se limitando apenas às figuras e sua ação, mas possibilitando às crianças acompanharem o que escreve, sentirem sua maneira de dizer, partilhando assim diretamente da realidade literária que lhes oferece.

A literatura constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é a criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. (CHIAPPINI, 2007, p. 22-23).

Com isso, a questão de ensino da literatura deve nos proporcionar um exercício de reconhecimento das singularidades que norteia. Permitindo ainda afastar alguns equívocos que persistem em estar presentes na escola.

Atualmente, a escola inserida no contexto de modernização capitalista define quais as características do livro infantil, escolhendo-o de acordo com a faixa etária e o gosto dos

alunos, sob o pretexto de estimular o incentivo à leitura. Para Magnani (2001, p. 42), tal medida “acaba moldando e imobilizando o gosto do leitor, tendendo a torná-lo consumidor da trivialidade literária, cultural, histórica e política, que enche os bolsos de alguns, mas esvazia os direitos de muitos a construir e participar da cultura, baseada em interesses de grupos minoritários”.

Estudos realizados na área da leitura apontam que a literatura infantil, se bem trabalhada, auxilia não só na formação do caráter como se teorizou por muito tempo, mas também na formação geral da criança enquanto pessoa crítica e bem informada. A criança que lê adquire mais parâmetros para fazer comparações e selecionar as obras que lhe parecerem melhor, tanto em situações escolares como em situações de sua vida.

Complementado a fala de Silva, Cunha (2003) afirma que a leitura é forma altamente ativa de lazer. E que esta, ao contrário de outras formas de lazer, não propicia, sobretudo, repouso e alienação. “A leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do receptor-leitor” (CUNHA, 2003, p.47).

A literatura infantil deve servir para estimular o imaginário da criança de forma saudável e lúdica, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, e para isso é preciso compreender sua estrutura, sua natureza. A leitura é um processo muito valioso que faz com que ascenda a capacidade das crianças e promova a escola ao sucesso. A escola só cresce quando seus alunos e professores caminham juntos. Porém, precisa-se de um trabalho coerente e que não se prenda apenas ao ofício do gestor escolar e sim da parceria de toda a comunidade escolar.

A figura do educador nesse processo é de fundamental importância para assegurar a esses alunos o gosto pela leitura. O prazer em pegar um livro e realizar uma leitura, analisar as imagens, dar sua opinião e criar finais para as histórias faz parte do saber de toda a criança. Ela consegue criar o seu próprio universo que se configura como um emaranhado para a mente humana. Reforçando a afirmativa supracitada, Silva (2005, p. 10) vem nos ajudando a conhecer e a entender melhor o mundo da leitura e as diversas concepções que podemos compreender acerca desta temática.

A leitura é um processo muito valioso que cresce a capacidade dos alunos e promove a escola ao sucesso. A escola só cresce quando seus alunos e professores caminham juntos, crescem juntos e resolvem problemas juntos. Porém precisa-se de um trabalho coerente não apenas do gestor escolar mais da parceria entre todos que compõe esta instituição de ensino (SILVA, 2005, p. 10).

Pode-se assim dizer que a literatura infantil é uma ferramenta muito importante para facilitar a compreensão e a comunicação entre as crianças e os educadores, possibilitando o crescimento entre ambos.

1.2 Desenvolvimento Infantil, segundo: Piaget, Vygotsky e Wallon

Se no Brasil, há três décadas, o construtivismo, cujo maior expoente é J. Piaget, começou a fazer uma revolução nos objetivos e processos pedagógicos da educação infantil, há alguns anos foi-se elaborando e implantada outra concepção: a histórico-cultural; e assim começa a formular-se uma nova versão, a psicogenética de Piaget e a sociogenética de Vygotsky – é o construtivismo pós – piagetiano, num terceiro eixo de sustentação – o afetivo, o emocional e o do desejo Wallon e Freud.

Ao estabelecerem-se parâmetros teóricos entre as teorias psicogenéticas que enfocam a relação de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon em suas pesquisas, buscamos compreender a construção do conhecimento no ser humano. Apesar de partirem de questões diferentes, em contextos diversos, esses três pesquisadores compartilhavam de algumas preocupações. Para um bom desenvolvimento a criança precisa de um ambiente harmonioso, cheio de carinho e atenção, características essenciais para o efetivo desenrolar de suas habilidades motoras, psíquicas e psicológicas. Trata-se do envolvimento da criança, juntando aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos.

Na verdade, quando você se depara com a discussão teórica travada entre Piaget, Vygotsky e Wallon no campo da Psicologia, descobre-se que esta beneficia de forma criativa a ação pedagógica na área da educação, despertando uma compreensão evolutiva do conhecimento humano. Assim, estudar as funções psíquicas à luz de sua gênese e evolução, têm gerado bons frutos como por exemplo a Teoria Piagetiana, que tem se mostrado capaz de absorver as concepções cognitivistas não genéticas. Seu avanço, no entanto, reporta a um diálogo com interlocutores, tais como Vygotsky e Wallon, que vem cumprir a função ativadora e dinamogênica.

Aceitar o ponto de vista de Piaget, portanto, provocará turbulenta revolução no processo escolar (o professor transforma-se numa espécie de ‘técnico do time de futebol’, perdendo seu ar de ator no palco). Quem quiser segui-lo tem de modificar, fundamentalmente, comportamentos consagrados milenarmente (aliás, é assim que age a ciência e a pedagogia começa a tornar-se uma arte apoiada, estritamente, nas ciências biológicas, psicológicas e sociológicas). Onde houver um professor ‘ensinando’, aí não está havendo uma escola piagetiana! (LIMA, 1980, p. 131).

Logo, o desenvolvimento humano deve ser estudado a partir da análise do desenvolvimento mental e crescimento orgânico, sendo que o desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais, colocando o homem na condição de eterno aprendiz, pois quanto mais se estuda, mais se aprende. O saber não tem domínio pleno. Ninguém é dono da verdade, visto que o conhecimento está sempre em constante renovação, graças à inquietude que o mesmo desperta na mente.

As teorias de Jean Piaget revelam como se desenvolve a inteligência nos seres humanos. Em função disso, sua ciência é chamada de “Epistemologia Genética”, nome de um de seus inúmeros livros. Esse termo compreende-se como o estudo dos mecanismos do aumento dos conhecimentos. Logo, sua ciência procura distinguir as raízes das diversas variedades de conhecimento a partir de suas formas mais elementares, acompanhando o desenvolvimento nos níveis subsequentes, até, inclusive, o pensamento científico.

Aprendemos, a partir da necessidade de interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com outras crianças mais experientes. Essas múltiplas interações se desenvolvem desde o processo gestacional e aqui é importante lembrar o quanto a condição do pré-natal é determinante para o desenvolvimento da aprendizagem, pois ao nascer, a criança vai gradativamente ampliar sua forma de lidar com o mundo, construindo significados para as suas ações, resultantes das experiências que lhe são possibilitadas a partir de seu meio social.

A linguagem, além disso, irá integrar-se ao pensamento, formando um alicerce sobre o qual se desenvolverá o funcionamento intelectual. O pensamento pode ser entendido, desta forma, como um diálogo interiorizado, revelando o subjetivo, produzindo uma linguagem que expressa uma necessidade do sujeito, sendo essa linguagem parte de sua personalidade, enquanto expressão com o outro, e de sua maturidade mental e intelectual.

A Psicologia da Aprendizagem estuda o complexo processo pelo qual a forma de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pela criança. Para que se possa entender esse processo, é necessário reconhecer a natureza social da aprendizagem. Assim, as operações cognitivas, aquelas envolvidas no processo de conhecer, são sempre ativamente construídas na interação com outros indivíduos ou objetos, possibilitando sua apropriação enquanto conceito. Lembre-se do comportamento que uma criança emite ao assistir um desenho animado, onde ela busca se identificar com um ou mais personagens, despertando aprendizagem a partir desta identificação.

A Psicologia da Aprendizagem aplicada à educação e ao ensino busca revelar como a interação entre professor e aluno é capaz de produzir a aquisição do saber e da cultura acumulada, pois o ato de aprender é absorvido por estar diante de estímulos adequados à construção do conhecimento, cabendo ao professor esse papel de facilitador entre o conteúdo e a capacidade cognitiva do seu aluno. Por isso, é tão importante para a educação que o professor conheça o nível intelectual do aluno e assim possibilite atividades que estimulem a expansão e o interesse do mesmo em aprender. É importante lembrar que estes teóricos realizaram suas pesquisas no campo da Psicologia, mas que seus nomes foram difundidos, sobretudo, nos meios educacionais, em função da colaboração de seus estudos para a Educação.

Suas teorias têm comprovação de bases científicas, assim, ele não somente descreveu o processo de desenvolvimento da inteligência, mas, experimentalmente, comprovou suas teses. Piaget divulga o chamado princípio da atividade, concebendo a criança como um ser ativo, construtora do seu próprio saber, onde a ação é regida pela necessidade e pelo interesse que possui em uma determinada situação.

Por isso sua teoria é a norteadora do Construtivismo, composição teórica proposta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para o planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas nas escolas brasileiras, possibilitando sua ampla aplicação em escolas inclusivas, que por sua vez permitem uma maior interação do aluno com o processo de aprender, em função de estimular a criação diante da atividade proposta pelo professor. Por exemplo: uma atividade de trabalhar com massa de modelar colorida, onde a criança é estimulada a criar algo que ela queira, representando seu trajeto de casa a escola. As respostas são surpreendentes; pode aparecer volante de carro, roda de bicicleta e até mesmo animais como cachorros e gatos, além de seres humanos. Estimule a criatividade das crianças e adolescentes e se surpreenda com as respostas.

Vamos falar dos Estágios do desenvolvimento da inteligência humana, segundo Piaget, onde ocorrem os desenvolvimentos motor, verbal e mental:

Período Sensório-Motor - do nascimento aos 2 anos - a inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) pelos deslocamentos do próprio corpo. Sua conduta social neste estágio é o de isolamento, sendo a criança o centro do mundo, visto que todos olham e falam com ela e assim realizam suas vontades.

Período Simbólico - dos 2 anos aos 4 anos - esse estágio permite o surgimento da linguagem, do desenho, da imitação, da dramatização, etc., podendo criar imagens mentais na ausência do objeto ou da ação; é o período da fantasia, do faz-de-conta, do jogo simbólico.

Com a capacidade de formar imagens mentais, a criança pode transformar o objeto numa satisfação de seu prazer. Esse período é determinante para o desenvolvimento da inteligência cognitiva e emocional, em função de proporcionar a leitura numa expansão própria da criança diante das condições sociais oferecidas a ela, proporcionando assim sua maior maturidade e riqueza de individualidade a partir de sua convivência com outras crianças e adultos.

Período Intuitivo - dos 4 anos aos 7 anos - distingue a fantasia do real, podendo dramatizar a fantasia sem que se acredite nela, porém seu pensamento continua centrado no seu próprio ponto de vista. Período que possibilita a descoberta do ato de leitura, que deve ser incentivado pelos pais e pelos professores para que a alfabetização tenha uma maior influência na vida da criança, visando torná-la um leitor na fase de adolescente e na vida adulta.

Período Operatório Concreto - dos 7 anos aos 11 anos - é o período em que as crianças organizam o mundo de forma lógica ou operatória. Já participam de grupos maiores, comandando e admitindo o comando. Já podem compreender regras, sendo fiéis a elas, e assim, estabelecem compromissos. O bate-papo torna-se possível, apresentando-se como uma linguagem socializada, mesmo com diferentes pontos de vista para que se cheguem a uma conclusão comum.

Período Operatório Abstrato - 11 anos em diante - a importância de se definirem os períodos de desenvolvimento da inteligência reside no fato de que, em cada um, o indivíduo adquire novos conhecimentos ou estratégias de sobrevivência, de compreensão e interpretação da realidade. A compreensão deste processo é fundamental para que os professores possam, também, entender com quem estão trabalhando.

A obra de Jean Piaget não tem a intenção de possibilitar aos educadores uma didática específica sobre como desenvolver a inteligência do aluno. Para ele, cada fase de desenvolvimento apresenta características e possibilidades. Assim, o conhecimento destas possibilidades faz com que os professores possam oferecer estímulos adequados, objetivando um maior desenvolvimento do indivíduo, construindo assim seu crescimento intelectual. Piaget apresentou uma “visão interacionista, mostrou a criança e o homem num processo ativo de contínua interação, procurando entender quais os mecanismos mentais que o sujeito usa nas diferentes etapas da vida para poder entender o mundo” (RAPPAPORT, 1981).

Não existe um novo conhecimento sem que o organismo tenha um conhecimento anterior para poder assimilá-lo e transformá-lo, o que implica os dois pólos da atividade inteligente: assimilação e acomodação.

A assimilação nunca pode ser pura, visto que, ao incorporar os novos elementos nos esquemas anteriores, a inteligência modifica incessantemente os últimos para ajustá-los aos novos dados. (PIAGET (1966 p.16,17 e 18).

Acomodação ocorre quando a estrutura se modifica em função do meio e suas variações. A adaptação intelectual constitui-se, então, em um "equilíbrio progressivo entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar" (PIAGET, 1982). Piaget situa o problema epistemológico, do conhecimento, ao nível de uma interação entre o sujeito e o objeto.

De acordo com Piaget, quando a criança usa os saberes e as possibilidades que já têm para tentar superar um desafio ou enfrentar um problema, ela está realizando o que ele chama de assimilação do objeto. Dizendo de outra maneira, no processo de assimilação, o sujeito procura conhecer o objeto, trazendo-o para dentro de seus referenciais e usando competências que já possui, ainda que sejam insuficientes para responder ou “dar conta” da situação nova. Por outro lado, quando o sujeito se modifica em função do movimento assimilador, tendo em vista superar o desafio que o novo objeto traz, tem lugar o que se denomina acomodação. Portanto, a assimilação é o movimento de buscar incorporar o objeto novo às estruturas de conhecimento (ações, competências mentais) que o sujeito já tem. A acomodação é a mudança nessas estruturas decorrente da tentativa de assimilar o novo. Para Piaget, a soma dos processos de assimilação (incorporação dos objetos ao eu) e acomodação (transformações do eu em função dos objetos) denomina-se adaptação. No exemplo da bola, quando usa a preensão para pegá-la, a criança está assimilando-a ao esquema de ação que já possui (pegar). Quando muda esse esquema de ação, abrindo mais a mão, abraçando, para pegar o objeto novo, a criança está acomodando-se à nova situação. Neste momento, ela não é mais a mesma que iniciou o processo, pois seu conhecimento agora é outro, maior e mais desenvolvido do que quando ainda não tinha agido sobre a bola. Podemos dizer que a criança adaptou-se ao novo.

Para Piaget a relação do sujeito com os objetos do mundo físico é uma relação de equilíbrio. Isto quer dizer que o processo de conhecer tem início com o desequilíbrio entre o sujeito e a sua realidade. Os objetos apresentam um problema ou desafio para o sujeito, gerando um desequilíbrio. Este desequilíbrio leva o sujeito a agir sobre o objeto com o propósito de restabelecer o equilíbrio. Na verdade, a estabilização nunca é definitiva, pois o mundo está sempre em mudança e sempre apresentando novos objetos, novos desafios.

Pesquisando como a criança conhece o mundo e desenvolve-se, Piaget pretendia compreender como ela chega a pensar de modo adulto, lógico e racional. Nesse processo,

investigou o desenvolvimento intelectual humano (o desenvolvimento da inteligência), dividindo-o em quatro grandes períodos: período sensório motor; período pré-operatório; período das operações concretas e período das operações abstratas (ou formais).

Conceitos piagetianos importantes:

- Assimilação – incorporação do mundo à experiência do sujeito (movimento de busca do novo).

- Acomodação – transformação das formas do sujeito de conhecer em função do novo que foi assimilado (movimento de mudança no sujeito).

- Adaptação – conjugação da assimilação e da acomodação.

- Equilibração – busca constante de equilíbrio (resolução de problema, diferença ou conflito) entre o meio e o sujeito.

- Período sensório-motor – situa-se até mais ou menos 3 anos. As formas de assimilação do meio são sensoriais (tato, gosto, audição, cheiro) e motoras, ou seja, pela ação corporal.

- Período pré-operacional – situa-se dos 3 aos 6 anos. Caracteriza-se pela ação mental da criança sobre o meio. Surge o faz de conta, a possibilidade de contar o que aconteceu no passado e planejar o futuro, a socialização das experiências pela linguagem. O pensamento é intuitivo, aproximativo e não lógico ainda.

Para Vygotsky, o processo de desenvolvimento resulta do processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem da cultura é um processo socialmente mediado, significando a necessidade de uma pessoa, possuidor de maior experiência, exemplificando verbalmente ou não o uso de determinado objeto. Por exemplo, a criança se apropria das aptidões cristalizadas no lápis quando ela aprende a exercitar a atividade para a qual ele foi criado, ou seja, desenhar ou escrever.

A linguagem é o instrumento fundamental do processo de criação, sendo produzida social e historicamente; através dela, o homem apropria-se do conhecimento. A linguagem materializa e dá forma a uma das aptidões humanas que permite representar a realidade. Juntamente com a atividade, o homem desenvolve o pensamento e, através da linguagem, o pensamento se objetiva, permitindo a comunicação das significações e o seu Desenvolvimento intelectual.

A linguagem para Vygotsky apresenta três características fundamentais:

- 1- Permite lidar com os objetos do mundo exterior, mesmo quando eles estão ausentes;
- 2- Fornece conceitos e modos de ordenar o real em categorias conceituais (abstrair e generalizar);

- 3- Garante a preservação, transmissão e assimilação de informações acumuladas pela humanidade ao longo da história.

O processo de aprendizagem pode ser espontâneo (observação) ou intencional (o professor). Portanto, é esse processo de apropriação que desencadeia o desenvolvimento histórico da humanidade para gerações seguintes. O homem necessita interagir com outros homens para aprender, e assim se constituir em serem humanos com inteligência, personalidade e consciência.

O papel do educador (seja exercida por professores, pais, pelas gerações mais velhas, pelas crianças mais experientes) é essencial porque estes são os mediadores da relação da criança com o mundo que ela irá aprender.

Os objetos da cultura só fazem sentido quando aprendemos o seu uso social. As funções psíquicas como linguagem oral, o pensamento, a memória e o cálculo ocorrem primeiramente em nível intersíquico. Num segundo momento, este processo desenvolve-se no interior da criança, em nível intrapsíquico revelando sua busca de conhecimento.

Para Vygotsky (2003), a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do indivíduo. Assim sua teoria oferece possibilidades para uma intervenção pedagógica. “Aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal de hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.” (VYGOTSKY, 1998)

Esse conceito é formado pela distância entre o nível de desenvolvimento real que se caracteriza por aquilo que o sujeito já consegue fazer sem a ajuda de ninguém. O nível de desenvolvimento potencial se caracteriza pela capacidade de desempenhar uma atividade com a ajuda de um indivíduo mais experiente da cultura.

Ao atuar na Zona de Desenvolvimento Proximal, o professor auxilia o aluno, por meio de novas aprendizagens, a trazer aquilo que estava no nível potencial para o nível real.

A implicação dessa concepção de Vygotsky para o ensino escolar é imediata. Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas (OLIVEIRA, 1993, p. 61)

Segundo Vygotsky (2003), o nível de desenvolvimento mental de um aluno não pode ser determinado apenas pelo que consegue produzir de forma independente, é necessário conhecer o que consegue realizar, muito embora ainda necessite do auxílio de outras pessoas para fazê-lo. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) define aquelas funções que estão

em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento (VYGOTSKY, 2003)

As atividades indicadas devem estar dentro de certos limites. Algumas tarefas, mesmo com a interferência de outras pessoas, a criança não é capaz de fazer. Portanto, devem-se apresentar desafios e informações, cuja utilidade a criança começa a perceber (LEPRE, 2008).

Para Vygotsky (2003), as escolas pecam, ora porque propõem atividades fora dos limites da ZDP (conceitos e exigências abstratas demais), ora porque não leva em conta sua existência (ensino baseado em apenas materiais concretos e na espera que a criança esteja pronta para aprender conteúdos mais sofisticados). Logo, temos que trabalhar com conteúdos que correspondam à situação de vida social e nível de aprendizagem em que se encontra o aluno.

Ao definir a inteligência, Wallon a concebe como genética e organicamente social, ou seja, o ser humano tem a sua estrutura orgânica intimamente ligada aos fatores sociais e culturais para se atualizar. “Os limites da criança são de origem fisiológica, enquanto que, em cada época, os do adulto dependem das condições históricas e culturais” (WALLON, 1989, p. 11).

Buscando compreender o psiquismo humano, volta sua atenção para a criança, entendendo que através dela é possível ter acesso à gênese dos processos psíquicos. De uma perspectiva abrangente e global, investiga a criança nos vários campos de sua atividade e nos vários momentos de sua evolução psíquica. Centraliza seu desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas implicações, com o todo representado pela personalidade manifesta.

A Teoria de Wallon propõe cinco estágios no desenvolvimento do ser humano:

1- O impulsivo-emocional, primeiro ano de vida, com predominância dos aspectos afetivos, em que o bebê apresentará suas primeiras reações às pessoas, as quais são consideradas mediadoras da sua relação com o mundo físico.

É um estágio de construção do sujeito, onde o trabalho cognitivo está latente e indiferenciado da atividade afetiva. Conflito de natureza endógena, ou seja, natureza interna.

2- O sensorio-motor e projetivo, até por volta do terceiro ano, é onde surge a inteligência prática, fazendo com que a criança possa dedicar-se à construção da realidade. Por meio da aquisição da marcha, a criança ganha maior autonomia para explorar objetos físicos e espaços. Também nesse estágio ocorre o desenvolvimento da linguagem, possibilitado pela construção da função simbólica que, inicialmente, projeta-se em atos, por isso a denominação de

projetiva. Predominância funcional cognitiva. Conflito de natureza exógena, ou seja, natureza externa.

- O personalismo vai do terceiro ao sexto ano, referindo-se ao período da formação da personalidade. Neste estágio, a criança desenvolve a consciência de si mesma, mediante as interações sociais com as outras. A exploração de si mesma inicia-se com maior frequência através do emprego do pronome *Eu*, com predominância afetiva, revelando conflito de natureza endógena.
- O categorial do sexto ao décimo primeiro ano, ocorre na diferenciação da personalidade revelada e conquistada no estágio anterior e possibilita grandes progressos intelectuais. Cresce o interesse pelo conhecimento como um todo, assim como a construção das capacidades de seriação, classificação e categorização. Temos então a predominância das relações cognitivas. Os sentimentos são elaborados no plano mental: conflito de natureza exógena.
- O da puberdade e adolescência são observados a partir do décimo primeiro ano, onde ocorre um estágio repleto e fecundo com conflitos de várias formas em sua vida. A retomada do conflito dualista, eu-outro, próprio da expansão da personalidade, agora, aparece desencadeado pela crise da puberdade, fator fisiológico de forte referência maturacional.

Apesar da proposição de estágios de desenvolvimento, Wallon afirma que há extrema dependência e estreita relação entre eles e que a criança é um ser integral. Para ele, estudar a criança, além de trazer compreensões sobre o psiquismo humano e sua evolução, contribui de forma significativa para referenciar os aspectos intelectuais e sociais que compõem sua Educação.

O movimento sustenta o pensamento. O educador compreende a criança por força de seu movimento. Afinar o olhar sobre o movimento ajuda o professor a crescer com seus alunos. Não existe aprendizagem sem movimento, e assim essa relação se aplica ao ato de interação com o comportamento que pode facilitar a relação professor aluno.

Olhando a emoção, nesses primórdios, Wallon percebeu que a função das emoções é, principalmente, uma função social, que é justamente possibilitar a interação da criança com o meio social. E, nesse sentido, o primeiro meio com o qual a criança interage não é o meio físico dos objetos, mas é o meio das pessoas e dessa forma sua maturidade cognitiva se expande a partir dessa interação.

As emoções são o primeiro recurso de interação da criança com o meio social, por isso elas têm um papel fundamental que permite ao recém-nascido da espécie humana se emergir

no meio social e desta forma, ter, por exemplo, acesso à linguagem. Logo a emoção se faz presente na linguagem, sendo um recurso fundamental de estruturação do pensamento e construção de si.

Na teoria de Wallon têm vários elementos interessantes também que buscam a compreensão do desenvolvimento da inteligência. Para ele, a inteligência nasce da emoção. E assim a apropriação da linguagem se apropria do conhecimento. Porém o gesto corporal se movimenta, transformando-se na linguagem correspondente a um respectivo objeto. E para Wallon, isso mostra a relação entre inteligência e movimento, contemplando o significado de uma emoção. No quarto campo a pessoa é o meio que articula todos os demais, mas também é um campo independente. Ele explica que ao longo do desenvolvimento humano vai se construindo a noção de si mesmo para cada sujeito, um diferente do outro, assim como a noção do eu e a consciência de si no mundo.

A relação entre esses quatro campos funcionais (o movimento, as emoções, inteligência e pessoa) nem sempre é de harmonia, porém é dinâmica e evolucionista. Em muitos momentos essa relação é marcada pelo conflito e pelos antagonismos existentes, embora cada um desses campos sejam inseparáveis uns dos outros, no entanto necessários para a busca da maturidade emocional. Além de tentar ver a criança de forma integrada, esse olhar teórico vai buscar enfocá-la de modo contextualizado, levando-se em conta a pessoa inserida nos seus meios e nos seus contextos de atuação.

CAPÍTULO II

2.1 Os Contos de Fadas e a Criança

Uma história prende a atenção, desperta a curiosidade, a imaginação e a criatividade; promove o enriquecimento na vida interior da criança, auxiliando-a a entender melhor as suas

emoções. Assim como nas fantasias, os contos de fadas têm um papel importante no seu desenvolvimento emocional.

A leitura de contos de fadas deve ser estimulada pelos pais e professores de forma natural, com o objetivo de promover a iniciativa e o desenvolvimento intelectual. Os pais e os professores podem brincar com as crianças, ajudar a construir uma fantasia e criar o hábito de ler uma história, sempre respeitando a vontade delas. Os contos de fadas ocupam lugar de destaque na literatura infantil ocidental. Através de suas histórias, somos transportados para lugares mágicos e secretos onde não apenas existe um universo de príncipes e princesas. Também nos deparamos com dragões, monstros e bruxas. Trata-se de um mundo encantado.

Para muitos estudiosos, a estrutura narrativa dos contos tem papel importante na formação humana, pois abordam assuntos diretamente ligados às grandes questões de nossa existência, como a coragem, a justiça, a vida, a velhice e a morte e a luta entre o bem e o mal. Na medida em que percebemos que nossos medos são compartilhados com outras pessoas, nos identificamos com a sociedade e a cultura da qual fazemos parte.

Contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento. (KEHL, IN CORSO & CORSO, 2006).

Entretanto em nossos tempos politicamente corretos e cheios de superproteções, tendemos muitas vezes a querer retirar dessas histórias os elementos que amedrontam as crianças, mas, no entanto, são justamente desses aspectos que elas necessitam para abordar os enigmas do mundo e do desejo.

A história dos contos de fadas ajuda as crianças a suportarem as dificuldades do dia-a-dia, como a rivalidade entre irmãos, inveja, medo, relação com os pais, inferioridade, vingança, etc., e por isso, também, elas solicitam para ler diversas vezes a mesma história. Com os contos de fadas a criança fica aliviada por sentir raiva e ter outros sentimentos, sentir medo da bruxa malvada, do lobo voraz ou orgulho de um príncipe que consegue salvar a princesa e chegar a um final feliz.

Embora o conto de fadas ofereça imagens simbólicas, fantásticas para a solução de problemas, a problemática apresentada é comum: uma criança sofrendo ciúmes e discriminação de seus irmãos, como *Borradeira*; uma criança que é considerada incompetente por um de seus pais, como acontece em vários contos de fadas, por exemplo, na

estória dos Irmãos Grimm, "O gênio da garrafa". Além disso, o herói do conto de fadas vence estes problemas exatamente aqui na terra, e não por alguma recompensa colhida no céu. A sabedoria psicológica dos tempos responde pelo fato de cada mito ser a estória de um herói particular: Teseu, Hércules, Beoulfo, Brunhilda. Não só estes personagens míticos têm nomes, mas também nos são ditos os nomes de seus pais e de outras figuras principais no mito. Não funcionaria chamar o mito de Teseu de "O homem que imolou o touro" ou o de Niobe como "A mãe que teve sete filhas e sete filhos". O conto de fadas, em contraste, torna claro que falam de cada homem, pessoas muito parecidas conosco. Os títulos típicos são "A bela e a fera", "O conto de fadas de alguém que partiu para conhecer o medo". Mesmo estórias inventadas recentemente seguem este padrão, como por exemplo "O pequeno príncipe", "O patinho feio", "O soldadinho de chumbo". Os protagonistas dos contos de fadas são referidos como "uma moça", por exemplo, ou "o irmão mais novo". Se aparecem nomes fica bem claro que não são nomes próprios, mas nomes gerais ou descritivos. Sabemos que "Porque ela sempre parecia acinzentada e suja, chamavam-na de Borracheira", ou: "Um capuzinho vermelho lhe caía tão bem que ela era sempre chamada de 'Chapeuzinho Vermelho'." Mesmo quando o herói recebe um nome, como nas estórias de João, ou em "João e Maria", o uso de nomes bem comuns os torna genéricos, valendo para qualquer menino ou menina.

Todos nós temos estas características em diversas situações de nossa vida. Uma história prende a atenção, desperta a curiosidade, a imaginação e a criatividade, promove o enriquecimento na vida interior da criança, ajudando-a a entender melhor seus sentimentos. Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar um significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Para as crianças os contos de fadas simplificam todas as situações e suas figuras são esboçadas claramente. Detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. O mal não é isento de atrações - simbolizadas pelo poderoso gigante ou dragão, ou pelo poder da bruxa, a astuta rainha na "Branca de Neve" - e com frequência se

encontra temporariamente vitorioso. Em vários contos de fadas um usurpador consegue por algum tempo tomar o lugar que corretamente pertence ao herói - assim como as irmãs malvadas fazem em "Borracheira". Não é o fato de o malfeitor ser punido no final da estória que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela.

Os contos de fadas dominam a perplexidade existencial neutralizando os problemas psicológicos do crescimento, superando as decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, capazes de abandonarem dependências infantis. Assim observamos um sentimento de individualidade e de autovalorização, como também um sentido de obrigação moral onde a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com as estórias através de devaneios prolongados, ruminando, reorganizando e fantasiando sobre os elementos adequados da estória em resposta às pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto, ofereçam novas dimensões à imaginação da criança sem as quais ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas procura esclarecer sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de

fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade, mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. As estórias também advertem que os muito temerosos e de mente medíocre, que não se arriscam a se encontrar, devem se estabelecer numa existência monótona - se um destino ainda pior não recair sobre eles. As gerações passadas de crianças que amavam e sentiam a importância dos contos de fadas estavam submetidas ao escárnio somente dos pedantes, como aconteceu com MacNeice.

Esse final é típico das fábulas, que são também contos populares transmitidos de geração a geração. "Uma fábula parece ser, no seu estado genuíno, uma narrativa na qual seres irracionais, e algumas vezes inanimados, com a finalidade de dar instrução moral, simulam agir e falar com interesses e paixões humanas" (Samuel Johnson). Muitas vezes santimonial, algumas vezes divertidas, a fábula sempre afirma explicitamente uma verdade moral; não há significado oculto, nada é deixado à nossa imaginação. O conto de fadas, em contraste, deixa todas as decisões a nosso encargo, incluindo a opção de querermos ou não chegar a decisões. Cabemos decidir se desejamos fazer qualquer aplicação à nossa vida a partir de um conto de fadas, ou simplesmente apreciar as situações fantásticas de que ele fala. Nosso prazer é o que nos induz a reagir segundo o tempo que estamos vivendo aos significados ocultos, na medida em que podem se relacionar à nossa experiência de vida e atual estado de desenvolvimento pessoal.

Tanto os mitos como as estórias de fadas respondem a questões eternas: O que é realmente o mundo? Como viver minha vida nele? Como posso realmente ser eu mesmo? As respostas dadas pelos mitos são taxativas, enquanto o conto de fadas é sugestivo; suas mensagens podem implicar soluções, mas nunca as soletra. Os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana. O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la, baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que os contos de fada dizem por que a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. Qualquer que seja nossa idade, há sempre uma estória que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento, nos convencendo. Se for assim com os adultos que aprenderam a aceitar que há mais de um esquema de referências para

compreender o mundo – embora achemos difícil, senão impossível pensar verdadeiramente segundo outro que não o nosso - é exclusivamente verdadeiro para a criança.

Sujeita aos ensinamentos racionais dos outros, a criança encobre seus conhecimentos verdadeiros, mas no fundo de sua alma ele permanece intacto pela racionalidade; no entanto, pode ser formado e informado pelo que os contos de fadas têm a dizer.

O conto de fadas não deixa dúvidas na mente da criança de que a dor deve ser suportada e que as chances arriscadas devem ser enfrentadas. Pois se deve adquirir a própria identidade; e, apesar de todas as ansiedades, não há dúvidas quanto ao final feliz. Embora nem toda criança herde um reinado, aquela que compreende e torna sua a mensagem do conto de fadas encontrará o verdadeiro lar de seu eu interior: conhecendo sua mente, ela se tornará senhora de um vasto domínio, e, portanto, isto lhe será útil. Hoje em dia nossos filhos são despojados ainda mais dolorosamente porque são privados completamente de conhecer os contos de fadas. A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinçadas e simplificadas, que amortecem os significados e roubam-nas de todo o significado mais profundo: versões como as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia.

É impossível negar que as provações e aventuras dos heróis e heroínas dos contos de fadas são fatores instigantes para a assimilação da vida prática das crianças. Outros investigadores, com uma orientação psicológica profunda, enfatizam as semelhanças entre os acontecimentos fantásticos dos mitos e contos de fadas e os dos sonhos e devaneios adultos à realização de desejos, à vitória sobre todos os competidores, à destruição de inimigos e concluem que um atrativo desta literatura é que ela exprime o que normalmente impedimos de chegar à consciência. Há, de certo, diferenças bem significativas entre os contos de fadas e os sonhos. Por exemplo nos sonhos, com maior frequência, a satisfação de desejos é disfarçada, enquanto nos contos de fadas é expressa abertamente. Em um grau considerável, os sonhos são o resultado de pressões internas que não encontraram alívio; de problemas que bloqueiam uma pessoa, para os quais ela não conhece nenhuma solução e para os quais os sonhos não encontram nenhuma. O conto de fadas faz o oposto: ele projeta o alívio de todas as pressões e não só oferece formas de resolver os problemas, mas promete uma solução "feliz" para eles. Nós não podemos controlar o que se passa em nossos sonhos. Embora nossa censura interna influencie o que podemos sonhar, este controle ocorre num nível inconsciente. O conto de fadas, por outro lado, em grande parte resulta do conteúdo comum consciente e inconsciente, tendo sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias a respeito do que consideram problemas humanos universais, e o que aceitam como

soluções desejáveis. Se todos estes elementos não estivessem presentes num conto de fadas, ele não seria recontado por gerações e gerações. Só quando um conto de fadas satisfazia as exigências conscientes e inconscientes de muitas pessoas ele era recontado repetidamente e ouvido com grande interesse. Nenhum sonho poderia despertar tal interesse persistente, a menos que fosse forjado em mito, como a estória dos sonhos do faraó interpretada por José na Bíblia. Há uma concordância geral de que mitos e contos de fadas falam-nos na linguagem de símbolos representando conteúdos sempre traduzidos em termos iniciatórios. Ora, isto me parece de importância primordial: desde o tempo - que é tão difícil determinar - em que os contos de fadas tomaram forma enquanto tais, os homens, tanto primitivos como civilizados, escutaram-nos com um prazer suscetível de repetição indefinida. Isto equivale dizer que os cenários iniciatórios - mesmo camuflados como o são nos contos de fadas - exprimem um psicodrama que responde a uma necessidade profunda do ser humano. Todo homem deseja experimentar certas situações perigosas, confrontar-se com provas excepcionais, entrar à sua maneira no Outro Mundo e ele experimenta tudo isso, no nível de sua vida imaginativa, ouvindo ou lendo os contos de fadas.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Uma bibliografia adequada não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

Assim, um trabalho fundamentado convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente.

Nessa pesquisa foi importante buscar opiniões de diversos autores a respeito do tema abordado considerando como sendo uma pesquisa bibliográfica, que compreende pesquisar em livros, dissertações, teses, e artigos de revistas especializadas e documentais acerca de uma determinada temática.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 185):

A pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo e até meios de comunicação orais. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer sejam publicadas ou até mesmo gravadas.

Nesses procedimentos vale-se o levantamento da literatura a ser estudada, com o objetivo em coletar informações para adquirir informações necessárias e conhecimentos para o tema pesquisado.

A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança foi escolhida como estudo, e através deste analisamos o valor do desenvolvimento da aprendizagem infantil como utensílio para a construção do conhecimento das crianças, como um ser social que nasce com capacidade afetiva, emocional e cognitiva. Observa-se ainda o desejo das crianças de estarem próximas das pessoas e sua capacidade de interagir e aprenderem com elas de forma que possam compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais e interações, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressarem, podendo aprender nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversos recursos utilizados à imitação, o faz de conta, a linguagem e a apropriação da imagem corporal. Dando um enfoque na questão educacional, na contribuição de aprendizagens da criança, aponta Vygotsky, (2007, p. 87):

O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento. Ele simplesmente se utilizará dos

avanços do desenvolvimento em vez de fornecer um impulso para modificar seu curso.

É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais afetivas e cognitivas a que estão expostas. Detectar os conhecimentos prévios das crianças não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo. Quanto menores são as crianças, mais difícil é a explicação de tais conhecimentos, uma vez que elas não são de se comunicarem verbalmente. A observação acurada das crianças é um instrumento essencial nesse processo. Os gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais, as brincadeiras e toda forma de expressões, representação e comunicação devem ser fonte de conhecimento para o professor sobre o que a criança já sabe. Com relação às crianças maiores, podem-se também criar situações intencionais nas quais elas sejam capazes de explicitar seus conhecimentos por meio da diversa linguagem a que têm acesso.

É necessário levar em consideração que o professor-leitor será capaz de formar leitores capacitando-os para o exercício da cidadania, permitindo-lhes associar a leitura do texto à leitura da vida.

Ao final dessa pesquisa, foram importantes as opiniões de todos os autores a respeito do tema abordado considerando-se como sendo uma pesquisa bibliográfica.

Considerações finais

Esta pesquisa possibilitou uma compreensão mais aprofundada da importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança. Tais reflexões confirmam que o

ambiente e a mediação do educador são fortes aliados no processo de desenvolvimento do imaginário infantil.

Hoje, a educação infantil se posiciona entre prioridades sociais e educacionais pelo papel que cumpre na formação de base, na construção das estruturas cognitivas, sociais e afetivas das pessoas que a acompanharão com constituintes nas diversas circunstâncias da vida na formação do cidadão. É por isso que os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Na educação infantil, professores e crianças viverão a experiência prazerosa da aprendizagem pela descoberta, do assombro e do encantamento dentro do mundo que desenvolvem e que desvelam e, ao fazê-lo, da construção de si mesmos.

O objetivo norteador desta pesquisa foi analisar as contribuições dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança. Como instrumento necessário para o desenvolvimento da criança em seus diferentes aspectos: social, afetivo, cultural, psicológico, motor, físico e intelectual, esse resultado foi alcançado e comprovado através de um levantamento bibliográfico, onde este estudo permitiu uma compreensão mais aprofundada de como a literatura e os contos de fadas pode contribuir na formação da educação infantil, e como as crianças podem adquirir conhecimentos de mundo real através de suas fantasias e sonhos. E ainda como um conto de fadas pode aproximar a criança de sua realidade e de sua cultura de vida e de mundo.

A partir da hipótese, averiguamos que o trabalho com os contos de fadas na infância propõe um olhar sobre a criança de forma plena, considerando não só seu lado cognitivo, mas sua afetividade e sua importância na construção de um relacionamento de ensino-aprendizagem, entre educador e educandos.

Pode-se observar também a importância dos educadores em transmitirem ideias inovadoras para estimular o hábito da leitura e escrita no dia-a-dia através da literatura e dos contos de fadas. Para tanto, é preciso despertar na criança o gosto de ouvir histórias. Esse prazer pode ser mediado pelo professor, que tem um papel de maior importância neste processo para despertar um mundo onde a criança possa aprender do seu mundo de fantasias para o mundo da realidade.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16 ed. Paz e Terra, 2000.

CORSO, D.L e CORSO, M. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COUTINHO, Clara Pereira. **Quantitativo versus Qualitativo: questões paradigmáticas na pesquisa em avaliação**. 2004.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEPRE, Rita Melissa. Contribuições das teorias psicogenéticas à construção do conceito de infância: implicações pedagógicas. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 11, n. 3, p. 309-318, 2008.

LIBÂNEO, José C.; FREITAS, Raquel AM da M. Vygotsky, Leontiev e Davídov: **contribuições da teoria histórico-cultural para a didática**. SILVA, Carlos C. e SUANNO, Marilza VR Didática e interfaces. Rio de Janeiro: Deescubra, 2007.

LIMA, Lauro. **Piaget para principiantes**. Grupo Editorial Summus, 1980

MAGNANI, M. do **RM Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. In: **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 2010.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966. 389 pp

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. mental, v. 258, p. 259, 1982.

RAPPAPORT, R. C. **Psicologia do Desenvolvimento**. Vol. 1 São Paulo: E.P.U., 1981. 74p.

REY, Fernando Luis Gonzalez; SILVA, Marcel Aristides Ferrada. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Cengage Learning, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 1998.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **The Collected Works of LS Vygotsky**. 1987

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: livro, leitura, leitor**. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **A produção cultural para a criança**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado.